

Do sentido à significação: um percurso metodológico de análise de dados em Semântica Argumentativa¹

From meaning to signification: a methodological path of data analysis in Argumentative Semantics

Del sentido a la significación: una ruta metodológica de análisis de datos en Semántica Argumentativa

DOI 10.20396/lil.v26i51.8672131

Lauro Gomes²
FURG

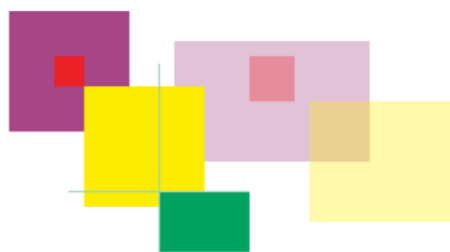
Resumo

Este artigo objetiva apresentar um percurso metodológico de análise enunciativa e argumentativa de dados segundo o método proposto pela Semântica Argumentativa – S.A.. Para tanto, a partir da evocação de noções e conceitos nucleares da Teoria da Argumentação na Língua, da Teoria Polifônica da Enunciação, da Teoria dos Blocos Semânticos e da Teoria Argumentativa da Polifonia, distinguem-se, primeiramente, entidades concretas (ingl. token) de entidades linguísticas abstratas (ingl. type). Em seguida, apresentam-se tanto os conceitos basilares da análise enunciativa, como (a) locutor, (b) enunciador e (c) atitude discursiva, quanto conceitos destinados à análise essencialmente argumentativa, como (a) encadeamento argumentativo (normativo e transgressivo), (b) aspecto argumentativo ou esquema (normativo e transgressivo) e (c) bloco semântico. Por fim, também são referidos alguns dos desdobramentos que a S.A. tem recebido atualmente, na França e no Brasil, dentre os quais a possibilidade de articular polifonia e argumentação e de explicar fenômenos semântico-argumentativos dos discursos artísticos.

Palavras-chave: Enunciação. Semântica. Metodologia.

¹ Este trabalho foi apresentado na mesa-redonda Metodologia de Análise Enunciativa promovida pelo Grupo de Trabalho Semântica e Estudos Enunciativos (XXXV ENANPOLL, 2020)

² Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor Adjunto do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG - São Lourenço do Sul). E-mail: lauro.gomes@furg.br.



Abstract

This article aims to present a methodological path of enunciative and argumentative data analysis according to the method proposed by Argumentative Semantics – A.S. For this purpose, stemming from the evocation of nuclear notions and concepts of the Theory of Argumentation within Language, Polyphonic Theory of Enunciation, Semantic Block Theory, and Argumentative Theory of Polyphony, a distinction between tokens and types is performed. In the sequence, both the fundamental concepts of enunciative analysis, such as (a) speaker, (b) enunciator, and (c) discursive attitude, and the concepts intended for essentially argumentative analysis, such as (a) argumentative chaining (normative and transgressive), (b) argumentative aspect or scheme (normative and transgressive), and (c) semantic block. Finally, some of the developments that A.S. has currently obtained in France and Brazil are also mentioned, among which the possibility of articulating polyphony and argumentation and of explaining semantic-argumentative phenomena in artistic discourses.

Keywords: Enunciation. Semantics. Methodology.

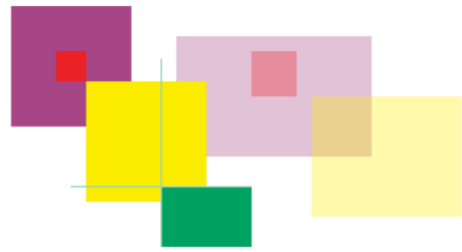
Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar una ruta metodológica de análisis enunciativo y argumentativo de datos según el método propuesto por la Semántica Argumentativa – S.A. Para tanto, a partir de la evocación de nociones y conceptos fundamentales de la Teoría de la Argumentación en la Lengua, de la Teoría Polifónica de la Enunciación, de la Teoría de los Bloques Semánticos y de la Teoría Argumentativa de la Polifonía, se distinguen, en primer lugar, entidades concretas (ing. token) de entidades lingüísticas abstractas (ing. type). Después, se presentan tanto los conceptos básicos del análisis enunciativo, como (a) locutor, (b) enunciador y (c) actitud discursiva, como conceptos destinados al análisis esencialmente argumentativo, como (a) encadenamiento argumentativo (normativo y transgresivo), (b) aspecto o esquema argumentativo (normativo y transgresivo) y (c) bloque semántico. Finalmente, también se mencionan algunos de los desarrollos que la S.A. ha recibido actualmente, en Francia y Brasil, entre los cuales la posibilidad de articular polifonía y argumentación y de explicar fenómenos semántico-argumentativos de los discursos artísticos.

Keywords: Enunciación. Semántica. Metodología.

Introdução

A Semântica Argumentativa (doravante, S.A.), quadro teórico fundado por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre (1976; 1983), deu origem a importantes teorias que estudam a *significação* e o *sentido* via *enunciação* e *argumentação*. Embora o objetivo deste texto não seja o de historiografar a obra de O. Ducrot, é importante situá-la no tempo e examiná-la a partir de especificidades das teorias que a compõem, principalmente quando se pretende apresentar um percurso metodológico de análise de dados segundo o método que origina este domínio teórico já bastante sólido, hoje com 46 anos de muita pesquisa.



Sem contar as diversas contribuições que O. Ducrot deu à filosofia da linguagem e à linguística geral ainda nos anos 1960, sua primeira Teoria é a chamada *Argumentação na Língua* (doravante, ANL), introduzida no artigo *L'argumentation dans la langue* com a colaboração de Jean-Claude Anscombe (1976), desenvolvida em *Les échelles argumentatives* (DUCROT, 1980), em *Les mots du discours* (DUCROT et al, 1980) e reconhecidamente elaborada em *L'argumentation dans la langue* (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983). A segunda teoria de Ducrot é a *Teoria Polifônica da Enunciação* (doravante, TPE), iniciada em *Les mots du discours* (DUCROT et al, 1980) e desenvolvida, de forma ampliada, no conhecido capítulo VIII de *Le dire et le dit* (1984a), modestamente intitulado *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*, e em demais textos posteriores (1985; 1990; 2001).

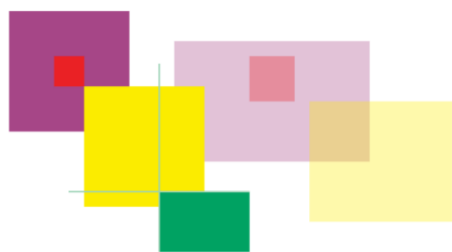
Ainda nos anos 80, Ducrot propôs, com Anscombe e demais colaboradores, a *Teoria dos Topoi* (ANSCOMBRE et al, 1995), cujo modelo teórico foi rejeitado pelo próprio autor pouco tempo após sua postulação (cf. DUCROT, 1999), especificamente com a fundação da *Teoria dos Blocos Semânticos* (doravante, TBS) por Marion Carel (1992). Assim, por questões de fidelidade epistemológica, não se evocará a Teoria dos Topoi neste artigo.

Desde a postulação da TBS, O. Ducrot tem desenvolvido suas pesquisas segundo os preceitos metodológicos da TBS. Apenas em 2006 e em 2009 – respectivamente nos artigos *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation*³ e *Mise au point sur la polyphonie*⁴, ambos desenvolvidos com M. Carel, – é que o autor vai retrabalhar sua Teoria Polifônica da Enunciação e dar-lhe novos rumos no que convencionou chamar, juntamente com M. Carel e Alfredo Lescano, de *Teoria Argumentativa da Polifonia* (doravante, TAP). É importante sublinhar, portanto, que, da base do percurso metodológico de análise *enunciativa* e *argumentativa* de dados aqui apresentado, depreende-se uma concepção de *língua* e de *linguagem* completamente distante do logicismo semântico.

A seguir, na seção 1, resgatam-se as ferramentas de análise enunciativa da TPE a partir de postulados sobre *enunciação* neste quadro teórico e também da distinção entre *entidades concretas* (ingl. *tokens*) e *abstratas* (ingl. *types*) e de seus respectivos *valores*

3 Referência em português: DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. Tradução: Leci Borges Barbisan. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

4 Referência em português: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Atualização da polifonia. Tradução: Telisa Furlanetto Graeff e revisão de Leci Borges Barbisan. Desenredo, Passo Fundo, v. 6 - n. 1 - p. 9-21 - jan./jun. 2010.



semânticos. Na seção 2, explicitam-se ferramentas básicas de análise argumentativa, segundo a TBS-standard⁵, define-se *argumentação* neste quadro teórico e, a partir de dados, distinguem-se encadeamentos e aspectos argumentativos normativos e transgressivos. Além disso, também são referidas as pesquisas atuais de acordo com os princípios da TBS, como as que tratam da *interpretação* e da *decodificação argumentativas* e do *estudo semântico de discursos artísticos*. Na seção 3, evocam-se princípios de análise enunciativo-argumentativa, via TAP, e, por fim, na seção de conclusão, são feitas considerações sobre o percurso metodológico apresentado. É preciso deixar claro que este "*percurso do sentido à significação*" não é o único válido e pode nem ser o mais pragmático, mesmo porque a missão de tratar de *enunciação* e de *argumentação* em um mesmo trabalho é árdua e exige delimitações importantes para que os propósitos do artigo acadêmico sejam atendidos.

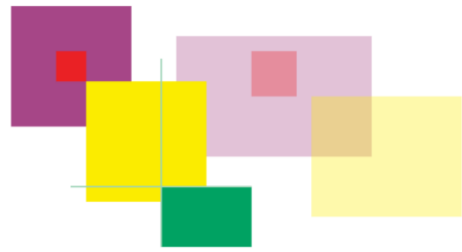
1. Método, enunciação e polifonia

No livro de entrevistas intitulado *Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot* ([2013] 2018), ao ser interrogado por Amir Biglari sobre a *epistemologia e sobre a metodologia* de sua linguística, Ducrot (p. 35) afirma: "tento aplicar um método que creio rigoroso, que consiste em não tomar emprestado de domínios exteriores à língua, quando eu falo da língua. Eis a minha metodologia". Imediatamente depois dessa breve resposta, o entrevistador o interroga: "Seu método é dedutivo?", e Ducrot responde:

Sim. Em todo caso, não é indutivo no sentido de que eu não tento construir conceitos a partir dos fatos que vou primeiramente observar. Ele não é dedutivo por oposição ao método indutivo, mas é absolutamente necessário que os conceitos linguísticos possam aplicar-se à realidade linguística, até mesmo se não são fabricados a partir da realidade linguística. (BIGLARI; DUCROT, 2018, p. 36).

Salienta ainda o linguista que sua prática é a de procurar conceitos que possam ser empregados a partir dos fenômenos semânticos observáveis, sem desfigurações da realidade semântica dos dados. Marion Carel encontra-se nessa mesma esteira metodológica de

5 Hoje, pelo fato de já estar completando três décadas de existência, a TBS apresenta três fases: (1) a TBS-standard (1992-2005), (2) a TBS-intermediária (2006-2009) e (3) a TBS-atual (2010-2021). Essas datas não são totalmente precisas, visto que – como Marion Carel bem chama atenção em seus seminários – são afetadas pelo tempo de editoração necessário à publicação dos artigos e dos livros da teoria.



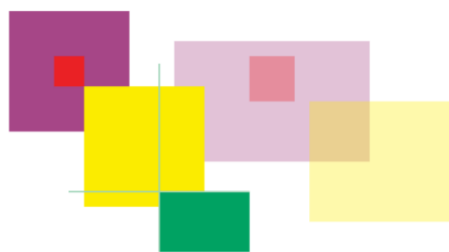
Ducrot. Ao interrogá-la a respeito de seu interesse pela análise de dados empíricos em sua construção teórica, por ocasião de uma entrevista publicada na revista *Conexão Letras*, Lauro Gomes (2021) obteve a seguinte resposta da semanticista:

Quando comecei a me interessar pela linguística, era habitual construir os próprios exemplos. Não perdi esse hábito e, quando exponho o estado atual de minhas pesquisas, muitas vezes me reduzo a grupos de palavras como *a dor é crônica* ou o eterno *Maria foi prudente*. É diferente na ordem da pesquisa, em que me debruço sobre textos. (GOMES; CAREL, 2021, p. 255, grifos da autora).

A autora francesa também pontua que a linguística de *corpus* argumenta em favor de *corpora* robustos para sustentar uma visão sobre a língua a partir de dados empíricos reais. Não é essa, entretanto, a razão de seu interesse pelos exemplos reais. M. Carel sustenta que o contexto dos dados empíricos reais permite uma "compreensão fina" que afasta a pesquisa linguística das evidências. Segundo M. Carel, isso não quer dizer que se possa ser objetivo, mesmo porque, como os artigos de linguística são escritos em língua natural, a objetividade não é possível. A língua natural, inevitavelmente, é sempre argumentativa (p. 255).

Para estudiosos de S.A., tais elucidações de O. Ducrot e M. Carel não trazem nenhuma novidade. Elas são retomadas, aqui, apenas para registrar palavras explícitas dos autores sobre o tema deste trabalho. Ora, foi nessa prática descritivo-explicativa da língua pelo discurso que O. Ducrot desenvolveu toda sua linguística. E não é de se estranhar que, como muitos de seus contemporâneos, tenha sido principalmente em Ferdinand de Saussure que Ducrot tenha-se inspirado para desenvolver, especialmente a ANL, com a contribuição de Jean-Claude Anscombe, e, depois, em seu trabalho mais solitário, a TPE. Contudo, muito das contribuições de filósofos e linguistas como Platão, Humboldt, Wittgenstein, Austin e Searle, Guillaume, Bally e Benveniste está em sua maneira de interrogar-se sobre a língua.

No décimo capítulo da edição brasileira do livro *Dizer e não dizer*, intitulado *Estruturalismo e enunciação* (1977, p. 292), Ducrot afirma que, em termos saussurianos, "o objeto teórico *língua* não pode ser construído sem se fazer alusão à atividade da *fala*". Para Ducrot, a *língua* contém uma referência àquilo que para Saussure constitui a *fala*. Por assim dizer, uma "linguística da língua é impossível se não for também uma linguística da fala" (1987, p. 63). Portanto, a descrição semântica de uma língua – considerada pelo autor como um "conjunto de frases" – não pode ser finalizada, se não mencionar, desde o início, determinados aspectos da atividade linguística realizada graças a essa língua. Verifica-se, pois, que todo o método da S.A. está de acordo com aquilo que, segundo Ducrot (1968), é a



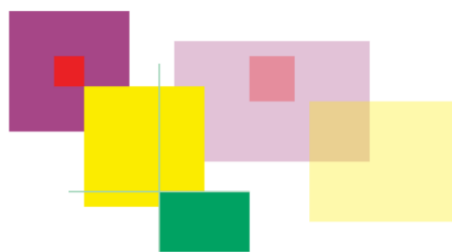
principal contribuição de F. de Saussure ao estruturalismo linguístico: "pressupor o sistema no elemento é o que constitui, para nós, a própria contribuição de Saussure ao estruturalismo linguístico" (p. 44), cujo posicionamento pode ser claramente justificado pela *Nota sobre o discurso* de Saussure – publicada nos *ELG* (2002) – especialmente por seu conhecido enunciado introdutório, segundo o qual "a língua só é criada em vista do discurso" (p. 277).

No capítulo 11 da edição francesa de *Dire et ne pas dire*, intitulado *L'interprétation en sémantique linguistique: un point de départ imaginaire* (publicado em 1987)⁶, Ducrot acrescenta que a *interpretação* é o meio pelo qual o linguista semanticista tem acesso à *significação*, cujo valor semântico constitui seu *verdadeiro objeto*. Para elucidar como isso acontece, no entanto, é preciso recordar que o discurso é feito de segmentos menores chamados *enunciados*, isto é, entidades que aparecem em um lugar e em um momento dados e que não são, por isso mesmo, repetíveis. Nas palavras de Ducrot (1991), "diferentes enunciados podem ser a realização de uma mesma entidade abstrata, definida na gramática da língua" e que se pode chamar de *frase*. Isso quer dizer que, antes do trabalho linguístico, não há nem intuição, nem construção daquilo que poderia ser a *significação* da *frase*. Portanto, esse valor semântico chamado *significação* só pode ser um ponto de chegada e, de forma nenhuma, um ponto de partida – um dado, um fato – para a pesquisa.

Desse modo, de acordo com Ducrot (1991), o ponto de partida do linguista é sempre do tipo: "tal locutor interpretou tal enunciado de tal maneira, tal outro locutor interpretou esse mesmo enunciado de outra maneira". A tarefa do semanticista, segundo essa perspectiva, consiste em tentar descobrir, detrás dessas múltiplas interpretações, um valor semântico ligado aos elementos que constituem a frase – como *morfemas*, *palavras* e *construções sintáticas* –, valor semântico cuja existência e natureza deve-se justificar, ao se mostrar que ajuda a compreender por que tais interpretações poderiam ser dadas a um enunciado e não outras. Nesse percurso do *discurso à língua*, o linguista descobre as leis a partir das quais os valores se combinam para constituir as significações das frases.

Ainda em busca de noções semânticas fundamentais, é preciso considerar que, enquanto a "significação" é o valor semântico da *palavra fora de uso*, da *frase* e do *texto* (ingl.

6 Referência em português: DUCROT, Oswald. A interpretação em semântica linguística: um ponto de partida imaginário. Tradução: Georges Sosthene Koman e Nayara Fernanda Dornas. Coordenação e revisão: André Stefferson Martins Stahlhauer e Soeli Maria Schreiber da Silva. Revisão técnica da tradução: Greciely Cristina da Costa. Entremeios: revista de estudos do discurso. v.14, jan.- jun., 2017.

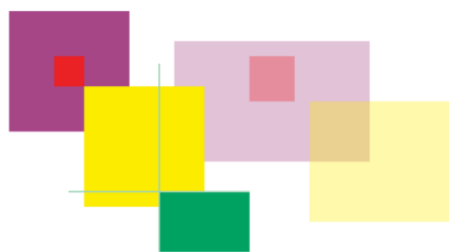


type) – valor este pertencente ao domínio da língua, cujo papel é central em S.A. –, o *sentido* é o valor semântico que um ouvinte atribui à *palavra em uso*, ao *enunciado* e ao *discurso* (ingl. *token*). Trata-se de uma interpretação que o ouvinte-testemunho atribui a essas entidades concretas, independentemente de estar envolvido ou não no processo de comunicação. No entanto, conforme Ducrot (1991, p. 311), "não pode ser a situação do discurso em sua totalidade, ilimitada e inesgotável, que intervém para constituir o sentido, mas apenas alguns de seus elementos. E a própria escolha desses elementos contextuais é parcialmente determinada pela frase". Assim, a ANL defende que a *frase* já possui *algo* que está necessariamente ausente do *enunciado*. Esse "algo" nada mais é, em termos teóricos, do que *instruções*, *orientações* ou *diretrizes* que delimitam quais informações é preciso buscar na situação e como as explorar para interpretar o *sentido* dos enunciados da frase.

Fauconnier, por exemplo, trata de *instruções* para construir os diferentes espaços mentais, cuja articulação constitui o sentido do enunciado; Ducrot introduz a noção de *instrução* para desenvolver os diferentes movimentos argumentativos – também chamados de vozes – cuja confrontação é responsável pela produção do *sentido* resultante de tal "diálogo cristalizado". Aqui, chega-se à Teoria da Polifonia, ponto central desta seção, visto que, quando Ducrot postulou a TPE, em 1984a, sua preocupação principal era com a *enunciação*, não propriamente com a *argumentação*, cujo tema sempre foi central em suas investigações.

Embora possa ser lugar comum em linguística afirmar que a Teoria da Polifonia é uma Teoria da Enunciação, não são nada frequentes discussões sobre a relação efetiva que a noção de *polifonia* de Ducrot mantém com a de *argumentação*. Esse ponto será retomado adiante.

Vale destacar que Ducrot pensou sobre o tema da *enunciação* desde os anos 1970. Em artigo intitulado *Les indéfinis et l'énonciation* publicado no número 17 da revista *Langages*, por exemplo, defendia que a *enunciação* faz parte do sentido do enunciado. Já explicava nesse texto (p. 92) que "o próprio sentido do indefinido *alguns* – como o de *eu* ou do tempo *presente* – parece comportar um chamado à enunciação, e deve ser o mesmo para todos os outros indefinidos restritivos, como *um*, *uns*, *alguns...*, etc.". Em 1976, Anscombre e Ducrot (p. 18) defendem que a enunciação é a "atividade languageira exercida por aquele que fala no momento em que fala". E, em 1983, defendem que a enunciação é, essencialmente, "histórica, evanescente e, como tal, nunca se reproduz duas vezes idêntica a ela mesma" (p. 36).

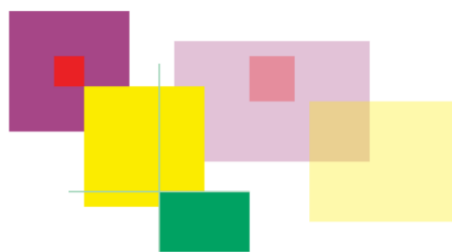


Já em texto intitulado *Enunciação*, publicado na Enciclopédia Einaudi (v. 2, 1984b), Ducrot é ainda mais específico ao explicar que, "para referir o acontecimento histórico, isto é, o facto de uma frase ter sido objecto de um enunciado (ou de um discurso), empregaremos a palavra 'enunciação'". E, neste mesmo texto, distingue a *enunciação* da *atividade linguística*, entendida, esta última, como "o conjunto de mecanismos que produz a enunciação de um enunciado ou de um discurso" (p.369). Para Ducrot (1984b, p. 369), então, tal atividade linguística "compreende essencialmente atos locucionários e perlocucionários".

A cada enunciação, uma *frase* da língua transforma-se em *enunciado* no nível do discurso. Entretanto, todo o psicologismo presente na teoria enunciativa de Bally, por exemplo, é subtraído por Ducrot. Nada de psicológico se mantém no conceito ducrotiano de *enunciação* e, nesse ponto, Ducrot está mais próximo de Benveniste. Logo, a *enunciação* desempenha um papel primordial na própria definição de *sentido*, cujo valor semântico da *palavra em uso*, do *enunciado* e do *discurso* é entendido como *uma descrição, uma representação que ele traz da sua enunciação, uma imagem do acontecimento histórico constituído pela aparição do enunciado* (DUCROT at al., 1980, p. 34). Princípio fundamental dessa concepção enunciativa de sentido é, portanto, o de que todo enunciado – até mesmo o que tem uma aparência mais objetiva, como (1) *A terra é redonda* – faz alusão à sua enunciação, do qual decorre o postulado segundo o qual uma Linguística da Enunciação visa a desvendar as operações ocultas implicadas na *atividade de fala*.

Em *Les mots du discours*, Ducrot (1980) já defendia que a noção de *polifonia* funciona como uma ferramenta explicativa de um fenômeno entendido como um "diálogo cristalizado" no interior do enunciado. Trata-se de uma noção que origina sua teoria enunciativa – a TPE –, cujo objetivo é contestar duas teses essenciais da semântica tradicional: a da *unicidade do sujeito falante* e a da *linearidade do sentido*.

Essa teoria propõe-se a mostrar que o "autor de um enunciado" não se expressa diretamente – segundo a crença dos linguistas da época, quando falavam de sujeito falante, de locutor, de orador etc. –, mas põe em cena, no interior do enunciado, um certo número de "personagens" que se confrontam para produzir *sentido*. Tais *personagens intralingüísticos*, encenados no enunciado, são o *locutor* (responsável pela atividade linguageira assumida no enunciado e designada por *eu*) e o *enunciador* (origem do ponto de vista apresentado pelo locutor, também entendido como uma espécie de garantia dos conteúdos comunicados no enunciado, muitas vezes autor da *pergunta*, do *pedido* etc.). Na categoria extralingüística, está



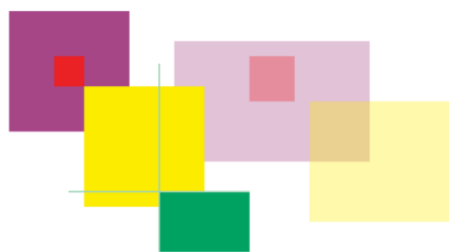
o *sujeito empírico* ou *sujeito falante* (produtor do enunciado e autor intelectual da escolha das palavras e de sua organização gramatical), o qual não é objeto de estudo do semanticista. Somente as duas primeiras noções são do interesse da TPE. O *sujeito empírico*, pontua Ducrot (1990), é de maior preocupação dos sociolinguistas e dos psicolinguistas, que se perguntam, por exemplo, *o porquê* de o sujeito X ter dito o que disse. O que importa, de fato, para o pesquisador que assume essa perspectiva teórica é *o que* disse o sujeito X, ou seja, o *dito*.

A TPE analisa como polifônicos fenômenos linguístico-discursivos como (a) o *discurso relatado direto*; (b) a *negação*; (c) o sentido e o emprego de *ao contrário*; (d) a *ironia*, a *autoironia*, o *humor*; (e) a *pressuposição* e (f) o uso de *mas*. Assim, por exemplo, o locutor de (1) *Pedro parou de fumar* coloca em cena dois enunciadores: um E1 que garante o conteúdo *pressuposto* [Pedro fumava] e um E2 com o qual se identifica e, por isso mesmo, garante o conteúdo *posto* [Pedro não fuma agora].

Um segundo exemplo de fenômeno polifônico é a negação "polêmica", perceptível num enunciado como (2) *Você não é preguiçoso, Pedro!* Num enunciado como esse, pode-se observar que a presença da negação não impede que o destinatário se sinta um pouco ofendido. Acontece que a negação desse conteúdo sugere que alguém possa ter dito ou acreditado no conteúdo positivo correspondente, ou seja, que *Pedro é preguiçoso*.

Na segunda conferência publicada em *Polifonía y Argumentación*, Ducrot (1990, p. 68-69) também examina um enunciado como (3) *Sim, faz bom tempo, mas me doem os pés*, empregado em resposta a um convite a passeio que deveria justificar-se em razão de bom tempo. Segundo a análise do linguista, pode-se identificar a existência de quatro enunciadores nesse enunciado: de E1, que apresenta o ponto de vista de que "Faz bom tempo"; de E2, que – extraído como uma conclusão de E1 –, apresenta um ponto de vista do tipo de "o passeio será bom"; de E3, que apresenta o ponto de vista de que "me doem os pés", e de E4, que – extraído como uma conclusão do E3 –, apresenta um ponto de vista como "não vou passear". Em relação ao E1, a posição do locutor é de aprovação; em relação ao E2, é de rejeição; e, em relação ao E3 e ao E4, é de identificação. Logo, o locutor assimila o E1 e o E2 ao alocutário e, finalmente, recusa o convite ao passeio.

Da análise desse tipo de enunciado com *mas*, Ducrot (1990) concluiu que a primeira instrução dada pela significação de sua frase é a que orienta o interpretante para a construção

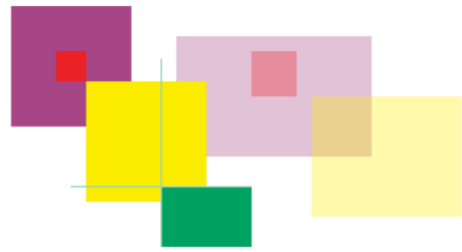


de quatro enunciadores, e a segunda é a que conduz o interpretante a encontrar não só as posições do locutor em relação aos quatro enunciadores, mas também, neste caso, os limites dos pontos de vista apresentados por E2 e por E4. Acrescente-se que, ao estudar a natureza argumentativa do *mas* – já no domínio da TBS –, Carel (1995) diferenciou um *mas* articulador de *oposição indireta*, claramente exemplificado por esse enunciado de Ducrot (1990), de um *mas* articulador de *oposição direta*, como o de um enunciado do tipo de (4) *Faz bom tempo, mas não vou passear*. Note-se que, ao se analisar esse tipo de enunciado pela perspectiva da TPE, pode-se observar a impossibilidade de se extrair, a partir do E3, um quarto enunciador. Daí a existência de apenas três enunciadores e também daí o fato de a oposição ter sido denominada de direta neste caso e de indireta naquele⁷.

Ainda em *Polifonía y Argumentación*, Ducrot (1990, p. 65-80) elucida que o sentido de um enunciado é constituído por três elementos: (1) a apresentação dos pontos de vista dos diferentes enunciadores; (2) a indicação da posição do locutor em relação aos enunciadores (*identificação, aprovação ou oposição*) e (3) a *assimilação* dessas atitudes ao próprio locutor ou a outros enunciadores. Eis a metodologia de análise proposta no quadro da TPE.

Deve-se atentar para o fato de que, ao fornecer ferramentas explicativas para o estudo da *significação* e do *sentido*, a TPE não se fecha em si mesma. Trata-se de uma teoria com potencial para o exame de fenômenos tanto de natureza fundamentalmente linguística, como a *pressuposição* e a *negação*, quanto fenômenos essencialmente discursivos, a exemplo do *humor* e da *ironia*. No momento da aplicação dessa metodologia em *corpus*, naturalmente muitas questões estão previstas. Contudo, muitas respostas somente poderão ser encontradas em textos posteriores ao clássico capítulo VIII de *Le dire et le dit*, listados aqui para eventuais consultas: *Problemas de lingüística y enunciación: la polifonía* (DUCROT, 1984b, p. 17-73), *Énonciation et polyphonie chez Charles Bally* (DUCROT, p. 165-191, 1989), *La polifonía en lingüística* (DUCROT, p. 15-29, 1990), "Quelques raisons de distinguer 'locuteurs' et 'énonciateur'" (DUCROT, 2001), *Descrição argumentativa e descrição polifônica:*

7 Para mais informações sobre o estudo do "mas" neste quadro teórico, recomenda-se a leitura da parte 4 do Curso de semântica argumentativa (BEHE et al., 2021).



o caso da negação (DUCROT; CAREL, 2008) e *Atualização da polifonia* (CAREL; DUCROT, 2009)⁸.

2. Argumentação e blocos semânticos

Postulada por Marion Carel (1992), a TBS radicaliza e aprofunda a tese principal da ANL (1983). Ao rejeitar a noção extralinguística de *topos* e introduzir a noção intralinguística de *interdependência semântica* entre dois metapredicados, a TBS reintroduz a coerência estruturalista que – conforme explica O. Ducrot (1999) – tinha-se perdido durante o desenvolvimento da Teoria dos Topoi. M. Carel deu-se conta de que a necessidade de evocação de um *topos* (definido como *um lugar comum argumentativo*) – para fazer a passagem de um *argumento* para uma *conclusão* – era uma forma de traição à hipótese geral da ANL, segundo a qual o sentido de uma expressão E se constrói pelos discursos argumentativos possíveis de serem encadeados a partir dessa expressão E.

Tanto a ANL quanto a TBS defendem, assim, que os discursos apresentam uma organização argumentativa. Essas duas teorias semânticas sustentam que a organização argumentativa dos discursos está prefigurada na própria significação linguística. No entanto, a TBS modifica a definição do termo "argumentação" da ANL, visto que, segundo Anscombe e Ducrot (1983), argumentar consistia em introduzir uma conclusão. Assim, todos os enunciados seriam parafraseáveis por encadeamentos de duas proposições conectadas por *portanto* (fr. *donc* = DC =). Em contrapartida, defende Carel (1995) que argumentar consiste em evocar encadeamentos em *portanto* e, igualmente, em *no entanto* (fr. *pourtant* = PT =). Para a TBS, não se trata mais de uma questão de "conclusão", mas de uma alternativa entre sequência "justificada", "esperada" e sequência "não justificada", "inesperada".

Com isso, o sentido de um enunciado E, segundo a TBS, não está relacionado a coisas, fatos, crenças psicológicas ou ideias. O sentido de um enunciado E é descrito (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13-14; DUCROT, 2016), isto é, representado, parafraseado por certos átomos semânticos – denominados *encadeamentos argumentativos* – que o próprio

⁸ Aqui, vale uma especial homenagem aos importantes trabalhos de Carlos Vogt, Eduardo Guimarães e Leci Barbisan, linguistas que, entre meados dos anos 70 e fim dos anos 80, já trazem a Semântica Argumentativa para o Brasil em seus trabalhos pioneiros no quadro da Linguística da Enunciação.



enunciado E evoca. Tais encadeamentos podem ser *normativos*, quando ligam duas proposições gramaticais por meio de um conector do tipo de *portanto* ou *transgressivos*, quando põem em relação duas proposições gramaticais por meio de um conector do tipo de *no entanto*. Aqui, emprega-se a expressão "do tipo de" para assinalar que existem, na língua, outras palavras indicativas dessa mesma relação semântico-argumentativa.

Desse modo, todo predicado da língua será reduzido a um "predicado argumentativo" ou a um "conjunto de predicados argumentativos" (CAREL, 2011, p. 82-83). Isso quer dizer, por um lado, que, a partir de um enunciado como *Ao reduzir a velocidade, Pedro garantiu a segurança de todos*, observa-se que são normativos tanto os encadeamentos (1) *Pedro foi prudente, portanto não houve nenhum acidente*; (2) *Como Pedro foi prudente, não houve nenhum acidente* e (3) *Não houve nenhum acidente, porque Pedro foi prudente* quanto o aspecto que concretizam: PRUDENTE DC NEG ACIDENTE. Por outro lado, a partir de um enunciado como *Ao mesmo tempo que Pedro dirigia com cuidado, chovia muito, ele se acidentou*, pode-se observar que são transgressivos os encadeamentos (4) *Pedro foi prudente, no entanto houve acidente*, (5) *Ainda que Pedro fosse prudente, houve acidente* e (6) *Mesmo Pedro sendo prudente, houve acidente* e o aspecto que concretizam: PRUDENTE PT ACIDENTE.

Em outros termos, enquanto os encadeamentos parafraseiam o sentido de enunciados, os aspectos ou esquemas argumentativos expressam a significação de palavras e frases da língua. Assim, tanto os enunciados quanto os segmentos discursivos permitem evocar encadeamentos e, ao mesmo tempo, exprimir aspectos argumentativos. Tais postulados da TBS podem ser claramente exemplificados em dados autênticos já examinados, como o enunciado *Seu peccadinho foi julgado um caso de força* – extraído da confissão do asno em *Animais doentes de peste*, de La Fontaine (CAREL, 2010, p. 35). O sentido desse enunciado pode ser parafraseado por um encadeamento como (1) *O pecado foi pequeno, no entanto foi julgado com grande punição*, o qual exprime o aspecto PEQUENO DELITO PT GRANDE PUNIÇÃO, inscrito na significação da palavra plena *injustiça*. Curiosamente, esse mesmo *motivo argumentativo* pode ser observado no início do livro *Claude Gueux*, de Victor Hugo:

Num inverno, o trabalho faltou. Nada de fogo nem pão no sótão. O homem, a moça e a criança passaram frio e fome. O homem roubou. Eu não sei o que ele roubou, eu não sei onde ele roubou. O que eu sei é que desse roubo resultaram



três dias de pão e de fogo para a mulher e a criança, e cinco anos de prisão para o homem. (HUGO, 2017, p. 11, tradução nossa).

Esse trecho discursivo constitui um motivo argumentativo, porque, segundo Carel (2012), permite evocar um encadeamento como (1) *Roubou pequena quantidade, no entanto sofreu grande punição*, ao qual se pode associar um aspecto como PEQUENO DELITO PT GRANDE PUNIÇÃO (argumentação interna à significação de *injustiça*).

Dentre os encadeamentos argumentativos *normativos* e *transgressivos* capazes de parafrasear o sentido de todo e qualquer enunciado, a TBS defende que há encadeamentos *estruturais* (doxais e paradoxais) e encadeamentos *contextuais*. Um encadeamento como (2) *João é rico, ele pode gastar à vontade durante a festa* é, ao mesmo tempo, estrutural e doxal, porque a significação de *rico* exprime o aspecto SER RICO DC TER LIBERDADE DE CONSUMO. Já um encadeamento como (3) *O trabalho fez João sofrer demais, portanto ele sentiu prazer* é paradoxal, pois o aspecto expresso SOFRIMENTO DC PRAZER – contido na significação de *masoquista* – gera uma estranheza tal que exige uma explicação na sequência do discurso. Ademais, encadeamentos como (4) *O gato miou, portanto a luz se apagou* (MIAR DC A LUZ SE APAGAR) e (5) *Pedro comeu um filé, portanto ficou feliz* (COMER FILÉ DC FICAR FELIZ) são contextuais, porque estão vinculados à situação intradiscursiva e, frequentemente, conforme sustenta Gomes (2020), parafraseiam o sentido de enunciados típicos dos *discursos artísticos*.

É importante salientar que essa metodologia de evocação de encadeamentos e de associação de aspectos tem sido ponto de partida de muitas pesquisas desenvolvidas no Brasil e na França. Gomes (2020), por exemplo, ao investigar o funcionamento semântico-argumentativo de *discursos artísticos*, postulou a existência de um *continuum semântico-argumentativo na linguagem*, em que, pautado nessa metodologia, observou que *estrutural* e *contextual* se distinguem, mas não se separam. A partir do exame de encadeamentos, de aspectos argumentativos e das decalagens de uma noção à outra, o autor mostra que o enunciado constitui o lugar por excelência da expressão da semântica "artística"⁹. Logo, *arte*,

9 De acordo com Gomes (2020), a artisticidade semântico-argumentativa manifesta-se em entrelaçamentos argumentativos que expressam um desvio (fr. *écart*) quanto à previsibilidade do uso ordinário da língua, graças ao qual é possível produzir arte com palavras. Para o pesquisador, tal fenômeno, pelo fato de também evocar procedimentos analógicos da língua, é capaz de evidenciar a ideologia do locutor, quando de sua aparente manifestação em enunciados e discursos.



ideologia e subjetividade, encontram-se, de acordo com as postulações de Gomes (2020), nas relações semântico-argumentativas dos enunciados e discursos.

Desse modo, as possibilidades combinatórias previstas na língua não se opõem aos entrelaçamentos dos discursos artísticos, pois o que há sobre o eixo sintagmático da linguagem, em termos argumentativos¹⁰, são simplesmente oposições semânticas normativas (em DC) e transgressivas (em PT) – estruturais (doxais e paradoxais) e contextuais. Entretanto, é preciso sublinhar que, embora o *discurso artístico* frequentemente realize encadeamentos contextuais e, em mesma proporção geral, o *discurso ordinário* apresente encadeamentos estruturais, ambos os tipos de encadeamentos podem naturalmente aparecer nesses discursos de forma inversa. Por isso é que se fala em *continuum*.

A figura abaixo, ao ilustrar a fórmula do *continuum* semântico-argumentativo da linguagem, não apenas sistematiza um método de análise semântica de *palavras em uso, enunciados e discursos*, mas também aponta para o linguista o que encontrar no nível sistêmico e, principalmente, como fazer para chegar a esse nível analítico:

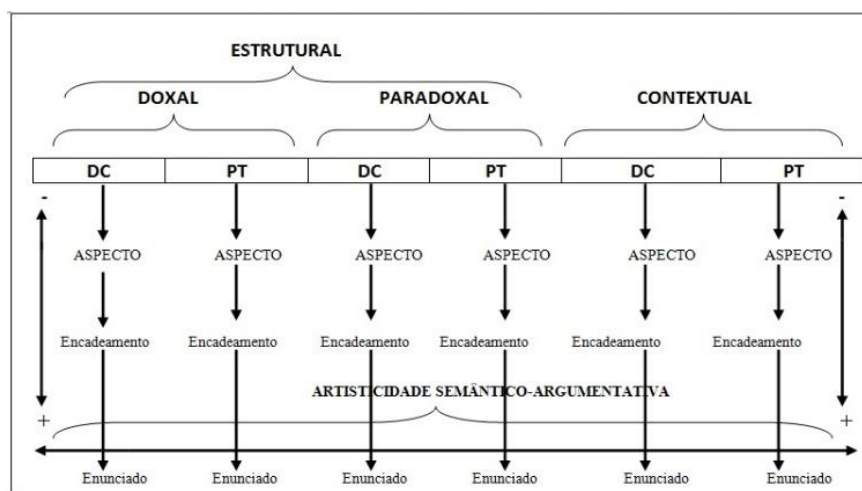
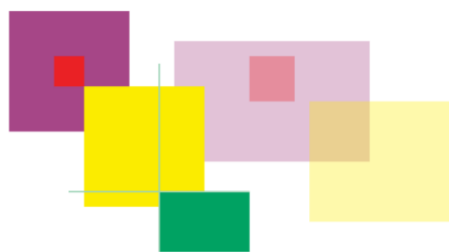


Figura 1: Fórmula do continuum semântico-argumentativo da linguagem.

Fonte: Figura elaborada por Gomes ([2019] 2020).

10 Para detalhes pontuais sobre "argumentação linguística", recomenda-se a leitura de CAREL, Marion. O que é argumentar? Desenredo, Passo Fundo, v.1, n. 2, p.77-84, jul./dez.2005. e de DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 1, mar. 2009.



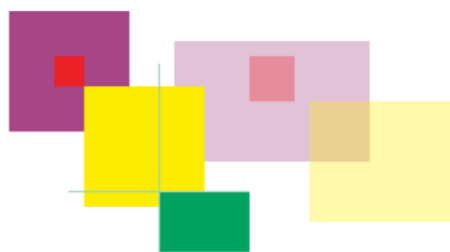
No Brasil – salvo diferenças próprias ao percurso traçado por cada pesquisador –, destacam-se, dentre tantos outros, os seguintes trabalhos: Barbisan e Graeff (2016), Azevedo (2016), Delanoy (2007), Gomes (2017), Gomes e Malcorra (2018), Graeff (2012), Lebler (2016) e Machado (2017), os quais também utilizam tais procedimentos de análise da TBS em suas investigações. Na França, atualmente, cita-se a maioria dos trabalhos de M. Carel, dentre os quais Carel (2018) e Carel (2019). Também cabe um especial destaque à obra *Curso de Semântica Argumentativa*, organizada por Behe, Carel, Denuc e Machado (2021) – publicada em português e em francês –, a qual dá a seus leitores acesso tanto às teses que fundam da S.A. quanto às pesquisas de ponta na área.

3. Argumentação e polifonia: interconexões

Por fim, com o objetivo de pôr em efetivo diálogo *polifonia* e *argumentação*, surgiu a TAP, fruto, sobretudo, de uma série de investigações de O. Ducrot, M. Carel e Alfredo Lescano. Ainda em *Os riscos do discurso* (2018), Ducrot pontua que

O grande problema é tornar compatível a teoria da polifonia e a teoria da argumentação. Essas duas teorias existem lado a lado, mas não são verdadeiramente postas em relação. Aquilo de que Marion Carel e eu nos ocupamos atualmente é da colocação em relação dessas duas teorias: trata-se de mostrar como os pontos de vista apresentados numa visão polifônica do sentido podem ser considerados como argumentativos e não representacionais. (BIGLARI; DUCROT, 2018, p. 34).

No artigo *Mise au point sur la polyphonie* (2009), traduzido para o português e publicado sob o título *Atualização da polifonia*, Carel e Ducrot (2010) defendem que, por meio de uma atualização da noção de *Enunciador* da TPE, a TAP procura articular a TPE com a TBS. Para isso, a TAP substitui a noção de *Enunciador* pela de *Pessoa Enunciativa*, cuja noção não tem nenhuma relação com o sujeito empírico do mundo extralinguístico e é definida como um *tom* capaz de explicitar as maneiras pelas quais o conteúdo é apresentado no discurso pelo locutor. Desse modo, a TAP postula a existência de cinco Pessoas Enunciativas: o próprio *Locutor* (aquele que fala), o *TU* (aquele a quem se fala), o *Ele*, cuja Pessoa representa uma voz distanciada do ausente e que, embora sem autoridade, pode falar em muitos enunciados, o *ON* ([a gente/-se, em Português], cuja Pessoa é entendida como uma



voz da opinião pública, da coletividade, da doxa; e o *MUNDO* (Pessoa que permite ao locutor tomar um tom factual, que se manifesta quando o locutor se desresponsabiliza pelo conteúdo).

Segundo Carel (2011, p. 295), todo discurso comunica unidades triplas – chamadas *unidades de discurso* – constituídas pela *atitude discursiva* do locutor (posto, acordado e excluído), pela *Pessoa Enunciativa* (L, TU, ELE, ON, MUNDO) e pelo *conteúdo* (argumentativo). Em artigo *Polifonia e argumentação*, Carel (2010) também propõe um método próprio de análise discursiva à luz da referida unidade de discurso. Entre parênteses, explicitam-se, respectivamente, a *atitude discursiva do locutor*, a *Pessoa* e o *conteúdo*. Assim, o locutor de um enunciado como “Faz bom tempo”, por exemplo, põe o conteúdo [Faz bom tempo] e fala com a voz do *Locutor*. A unidade de discurso é, então, metodologicamente representada da seguinte forma: (posto, L, [Faz bom tempo]).

Pode-se observar que os dois primeiros elementos da unidade vêm de uma concepção polifônica do sentido e o terceiro elemento – o conteúdo – tem origem na concepção argumentativa. Segundo pontua Carel (2012, p. 12-13), a TBS é uma “teoria essencialmente do conteúdo”, isto é, *do que é posto em discurso*, e a TAP é uma teoria enunciativa que se interessa pela “colocação do conteúdo” em discurso.

Para mais detalhes sobre a aplicação da metodologia da TAP, recomenda-se a leitura de trabalhos teórico-aplicados, como Barbisan e Graeff (2016) e Gomes e Malcorra (2018), e os seguintes artigos estritamente teóricos: Lescano (2016), Ducrot e Carel (2010), Carel (2010), Carel (2011), dentre outros artigos disponíveis no site francês *Sémantique Argumentative* (<https://semantique.hypotheses.org/>), em cuja plataforma encontram-se praticamente todos os trabalhos dos pesquisadores deste campo teórico.

Conclusão

Apesar de não se ter pretendido historiografar a S.A., espera-se que este texto também sirva como uma fonte de orientação aos iniciantes neste campo de investigação linguística. Vive-se um tempo em que, para inovar em linguística teórica e/ou aplicada, é preciso ir além de vulgatas e de leituras sacramentadas. Isso quer dizer que, para avançar em S.A., é preciso ir bastante além do conhecido livro *O dizer e o dito* ([1984] 1987). Esta é, sem dúvida, uma leitura fundamental da área. No entanto, anterior à Teoria dos Topoi, *O dizer e o dito*, hoje, é apenas um ponto de partida para estudos em S.A. O que este artigo procura mostrar nada



mais é do que um "percurso metodológico" que parte do *sentido do discurso*, mais especificamente das questões de *enunciação* (via TPE), para chegar à *significação sistêmica*, a fim de descrevê-la e explicá-la à luz de ferramentas próprias ao estudo da *argumentação* (via TBS).

Ainda que as apresentações da TPE, da TBS e da TAP tenham sido bastante simplificadas aqui – por questões de delimitação –, foi possível mostrar um raciocínio teórico-analítico do qual o linguista semanticista inscrito neste quadro teórico precisa servir-se para analisar dados, sejam eles *palavras em uso, enunciados e/ou discursos*. Em virtude da complexidade própria à *significação* das entidades abstratas (*palavras fora de uso, frases e textos*) e ao *sentido* das entidades concretas (*palavras em uso, enunciados e discursos*), não há um único modelo teórico-metodológico capaz de dar conta de todos os aspectos desses valores semânticos. Entretanto, o "percurso do sentido à significação", aqui apresentado, pelo fato de já ter sido testado em inúmeras pesquisas, tem mostrado não apenas funcionalidade, mas também eficácia nas análises semântico-argumentativas de dados empíricos.

Daqui para frente, o debate está aberto, com um convite para um mergulho no "oceano de diferenças" da língua, no dizer de Depecker (2009), e no magnífico, mas perigoso universo do discurso, do qual, segundo pontua Ducrot, a linguística deve ensinar a desconfiar. Ser linguista hoje, no entendimento do semanticista, significa "desconfiar do discurso e da pretensão do discurso de dizer a verdade". (BIGLARI; DUCROT, 2018, p. 14).

Referências bibliográficas

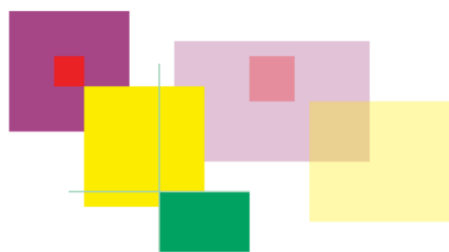
ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. L'argumentation dans la langue. **Langages**, n., 42, 1976, p.5-27. Disponível sur: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458726x_1976_num_10_42_2306. Accès le 24 jan. 2023.

ANSCOMBRE, Jean-Claude et. al (Org.). **Théorie des Topoi**. Paris: Éditions Kimé, 1995.

AZEVEDO, Tânia Maris de. Encadeamentos argumentativos, relações sintagmáticas e associativas: reflexões sobre o ensino da leitura. **Antares: Letras e Humanidades**, v. 8, p. 48-65, 2016.

BARBISAN, Leci Borges; GRAEFF, Telisa Furlanetto. O olhar enunciativo da semântica argumentativa sobre a carta de Vargas. **Conexão Letras**, v. 11, nº 15, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/65804>. Acesso em 24 jan. 2023.

BEHE, Louise et al (Org.). **Curso de semântica argumentativa**. Trad.: AZEVEDO, T.M. de et al. Pedro & João editores, 2021. Disponível em:



<https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/curso-de-semantic-argumentativa-2/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CAREL, Marion. Pourtant: argumentation by exception. **Journal of Pragmatics**, v. 24, 1995, p. 167-188. Disponible sur: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/037821669400106O>. Accès le 24 jan. 2023.

CAREL, Marion. Pourtant: Polifonia e argumentação. Trad.: Telisa Furlanetto Graeff. Revisão: Leci Borges Barbisan. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, 2010, p. 22-36, jan./jun. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1384>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CAREL, Marion. Pourtant: **L'Entrelacement argumentatif**. Lexique, discours et blocs sémantiques. Paris: Éditions Honoré Champion, 2011.

CAREL, Marion. Pourtant: Introduction. In: CAREL, Marion. (Org.). **Argumentation et polyphonie**: de Saint Augustin à Robbe-Grillet. Paris: L'Harmattan, 2012, p. 7-58.

CAREL, Marion. Pourtant: As argumentações enunciativas. Trad.: Leci Borges Barbisan e Lauro Gomes. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 2018, p. 106-124, abr.-jun. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/30470>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CAREL, Marion. Pourtant: Interpretação e decodificação argumentativas. Trad.: Cristiane Dall'Cortivo Lebler. Revisão: Leci Borges Barbisan e Lauro Gomes. **Signo**, Santa Cruz do Sul, 2019, v. 44, n.80, ago. 2019.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Edición: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Mise au point sur la polyphonie. **Langue française**, vol. 164, no. 4, 2009, pp. 33-43. Disponible sur : <https://www.revues.armand-colin.com/lettres-langue/langue-francaise/langue-francaise-ndeg-164-42009/mise-au-point-polyphonie>. Accès le 24 jan. 2023.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Atualização da polifonia. Trad.: Telisa Furlanetto Graeff. Revisão: Leci Borges Barbisan. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, 2010, p. 9-21, jan./jun. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1385>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CAREL, Marion; GOMES, Lauro. Enunciação, argumentação e sentido: entrevista com Marion Carel. Trad.: Lauro Gomes. Revisão: Cristiane Dall'Cortivo Lebler. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 16, n. 25, 2021, p. 245-259, jan-jun. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/116841>. Acesso em: 24 jan. 2023.

DELANOY, Cláudio Primo. A fábula e seus constituintes: uma análise argumentativa. **Desenredo**, v. 3, nº 2, jul./dez., 2007, p.182-192. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/536>. Acesso em: 24 jan. 2023.

DEPECKER, Loïc. **Comprendre Saussure d'après les manuscrits**. Armand Colin, 2009.

DUCROT, Oswald et al (Org.). **Les mots du discours**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. **Qu'est-ce le structuralisme?** 1. Le structuralisme en linguistique. Éditions du Seuil, 1968.



DUCROT, Oswald. Les indéfinis et l'énonciation. **Langages**, n. 17, 1970, p. 91-111. Disponible sur: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1970_num_5_17_2578. Accès le 24 jan. 2023.

DUCROT, Oswald. **Dizer e não dizer**. Princípios de semântica linguística. Trad.: Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attí Figueira. Editora Cultrix, 1977.

DUCROT, Oswald. **Les échelles argumentatives**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. **Le dire et le dit**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1884a.

DUCROT, Oswald. Enunciação. **Enciclopédia Einaudi**, v. 2, 1984b.

DUCROT, Oswald. La polifonía. In: DUCROT, Oswald. **Problemas de Lingüística y Enunciación**. Buenos Aires: Imprenta de la Facultad de Filosofía y Letras de UBA, 1985.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Trad.: Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. Topoi et formes topiques, **Bulletin d'études de linguistique française**, nº 22, 1088, p. 1-14. Disponible sur : <https://cir.nii.ac.jp/crid/1390282680745915136?lang=en>. Accès le 24 jan. 2023.

DUCROT, Oswald. Énonciation et polyphonie chez Charles Bally. In: DUCROT, Oswald. **Logique, structure, énonciation**: lectures sur le langage. Les Éditions de Minuit, 1989, p. 165-191.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y Argumentación**. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso [1988]. Trad.: Ana Beatriz Campo y Emma Rodríguez C. Cali: Universidad del Valle, 1990.

DUCROT, Oswald. **Dire et ne pas dire**: principes de sémantique linguistique. 3ed. Hermann éditeurs des sciences et des arts. Paris, 1991.

DUCROT, Oswald. Os Topoi na "Teoria da Argumentação na Língua". **Revista Brasileira de Letras**, São Carlos, v. 1, n. 1, 1999, p. 1-11.

DUCROT, Oswald. Quelques raisons de distinguer «locuteur » et « énonciateurs»», **Polyphonie – linguistique et littéraire**, Aarhus, nº 3, 2001, p. 20-41.

DUCROT, Oswald. Présentation de la Théorie des Blocs Sémantiques. **Verbum**, Publié par les Presses Universitaires de Nancy, XXXVIII, nº 1-2, 2016, p. 53-65. Disponible sur : https://f.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/4552/files/2019/07/02_Ducrot.pdf. Accès le 24 jan. 2023.

DUCROT, Oswald; BIGLARI, Amir. **Os riscos do discurso**: encontros com Oswald Ducrot [2013]. Trad.: Leci Borges Barbisan e Lauro Gomes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. Trad.: Leci Borges Barbisan. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.1, 2008, p. 7-18, jan./mar. Disponível em : <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/2865>. Acesso em : 24 jan. 2023.

GOMES, Lauro. **Como avaliar a semântica do texto?** Uma proposta para a avaliação de redações orientada pela Semântica Argumentativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

GOMES, Lauro. **Discurso artístico e argumentação**. Prefácio de Marion Carel. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.



GOMES, Lauro; MALCORRA, Bárbara Luzia Covatti. Em busca do sentido produzido no discurso literário: uma possibilidade de análise pela Teoria Argumentativa da Polifonia. *Letrônica*, v.11, n°2, 2018, p.144-154, abr./jun. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/28637>. Acesso em: 24 jan. 2023.

GRAEFF, Telisa Furlanetto. A conexão entre os enunciados no texto com base na semântica argumentativa. *Desenredo*, v. 8, n.2, 2012, p. 197-208, jul./dez. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2923>. Acesso em: 24 jan. 2023.

HUGO, Victor. **Claude Gueux**. Paris: Éditions Belin/ Gallimard, 2017.

LEBLER, Cristiane Dall'Cortivo. Pressupostos e subentendidos segundo a Teoria da Argumentação na Língua. *Gragoatá*, n°40, 2016, p. 295-316. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33385>. Acesso em: 24 jan. 2023.

LESCANO, Alfredo M. Le sujet dans la langue: Théorie Argumentative de la Polyphonie et Théorie des Blocos Sémantiques. *Verbum*, XXXVIII, no 1-2, 2016, p. 3-29. Disponible sur: <https://www.semanticscholar.org/paper/Le-sujet-dans-la-langue.-Th%C3%A9orie-argumentative-de-Lescano/3e85eb598a5259ed95c7f7a274ff0085bfed7179>. Accès le 24 jan. 2023.

MACHADO, Julio Cesar. A Teoria dos Blocos Semânticos e as significações de entremeio : um estudo sobre os quase-blocos. *Desenredo, Passo Fundo*, v. 13, n°1, 2017, p. 62-87. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6715>. Acesso em: 24 jan. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Écrits de linguistique générale**. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Éditions Gallimard, 2002.

Data de submissão: 25/01/2022

Data de aceite: 03/06/2023